



CONFIGURAÇÕES DA RELIGIOSIDADE EM NATAL: O CASO FELIPE CAMARÃO¹

RELIGIOSITY IN NATAL THE FELIPE CAMARÃO CASE

Anaxsuell Fernando da Silva²
Orivaldo Pimentel Lopes Junior³

RESUMO

O artigo que se segue discute o quadro atual, dificuldades e anseios na relação das igrejas com a sociedade civil e com a comunidade de modo geral. Interessa-nos captar não só a situação em si, mas a representação teológica e ideológica que facilita e obstaculiza a presença pública das igrejas. Objetivamos, finalmente, a compreensão das estratégias silenciosas que se operam na intra-relação das igrejas e seus fiéis e a inter-relação dessas com as demais igrejas e com a sociedade de modo geral.

Palavras-chave: Religião, Igreja, Sociedade Civil

1. INTRODUÇÃO – FELIPE CAMARÃO: UM BAIRRO DE EXTREMOS

As terras do atual bairro Felipe Camarão pertenceram à viúva Machado, que em 1962 vendeu parte das mesmas ao empresário do setor imobiliário Raimundo Paiva (GERNA Agropecuária). Em 1964, Gerold Geppert efetuou o registro de outra grande área, instituindo o loteamento Reforma, esperando estabelecer no mesmo um plano urbanístico que, por conta de invasões, não se concretizou. O nome do bairro é uma alusão ao índio potiguar Felipe Camarão que se tornou conhecido na luta pela expulsão dos holandeses das terras potiguares. Dados do Censo de 2000 apontam para Felipe Camarão – bairro da Zona Oeste da cidade de Natal – uma população de 45.907 habitantes, vivendo numa área de 663,4 ha.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Departamento de Ciências Sociais – Base de Pesquisa: Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM - Linha de Pesquisa: Religião e Sociedade – Projeto financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, através do PIBC (Projeto PVC430-03).

² Mestrando em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

Felipe Camarão não está ao alcance dos olhos de nossos visitantes e tampouco dos nativos mais segregados. Esse fato contribui, sobremaneira, para consolidar a fama obtida pela cidade de Natal de bela e a esconder a real diversidade de sua geografia humana, bem como as mazelas sofridas por grande parte da população residente em bairros com menor estrutura. Segundo Mardone França, fica evidente que a região Oeste de Natal, e em especial o bairro em estudo, está entre os piores índices sociais e as maiores taxas de ameaça à vida por questões de violência e problemas de saúde.

A partir de 1950, essa área já contava com um trabalho de padres e leigos que estavam preocupados com a situação de miséria do bairro. Hoje, lá existem vários trabalhos de assistência social de entidades religiosas, organizações governamentais e não-governamentais.

Em pesquisa realizada pela CONSULEST e o Grupo da Sociologia Clínica do Deptº de Ciências Sociais da UFRN, o bairro foi apontado, por 43,9% dos entrevistados, como o mais violento de Natal. O índice qualidade de vida, no que tange ao saneamento básico, é de 0,27, perdendo apenas para os bairros de Salinas e Guarapes na cidade de Natal/RN. Quando se trata da renda, o índice é de 0,06, só perdendo para o bairro de Mãe Luiza. Tendência recorrente nos demais índices sociais.

2. UMA PARCERIA COGNITIVA

Objetivando livrar-nos da razão fragmentada, incapaz de ligar partes ao todo, o elemento e seu contexto, incapaz de conceber a era planetária e de compreender os problemas que assolam nossa humanidade, a linha de pesquisa “Religião e Sociedade”, do Grupo de Estudos da Complexidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desenvolve uma pesquisa sobre as atuais configurações religiosas na cidade de Natal/RN. Como pesquisadores, o objetivo é focalizarmos o estudo sobre a religiosidade em Natal a um bairro, e aplicarmos os princípios de uma metodologia que chamamos de “parceria cognitiva”, e estabelecendo diálogo com um grupo de líderes evangélicos que desejavam formar uma associação no intuito de aglutinar forças para uma ação mais efetiva das Igrejas naquele bairro.

Nossa compreensão dos estudos da religião se distancia da prática reducionista da tradicional ciência social da religião, que adota um ateísmo metodológico por estar convencida de que só o ateísmo condiz com a ciência. Temos por base epistemológica a

relação dialógica entre razão e religião, por isso sentimo-nos perfeitamente à vontade para trocar informações com os evangélicos de Felipe Camarão. As que deles recebermos nos será útil na elaboração do conhecimento sociocientífico da relação religião e sociedade, rendendo-nos ao prazer cognitivo e nos aperfeiçoando em nossa profissão acadêmica. As informações obtidas, obviamente, são submetidas ao crivo de métodos e teorias que a prática científica nos provê, para em seguida ser devolvida para os informantes. A expectativa é no sentido de que tenhamos funcionado como um espelho fiel e revelador, o qual pôde fornecer uma imagem que servirá para o aperfeiçoamento das Igrejas em sua atuação social, possibilitando o desenvolvimento da qualidade de vida daquela população. Todos nós, parceiros dessa atividade cognitiva, teremos que avaliar nosso real compromisso com o saber e a determinação com a qual recusamos o não-saber. A isso chamamos de parceria cognitiva.

3. COLETA DE DADOS: O INÍCIO DE UMA COMPREENSÃO TRANSFORMADORA

O trabalho de coleta de dados sobre a realidade religiosa do bairro foi realizado seguindo a técnica da varredura. Através de um cuidadoso processo de visitação a todas as ruas e travessas do bairro, encontramos 58 igrejas evangélicas, 2 Salões do Reino das Testemunhas de Jeová, 6 igrejas ou capelas católicas e 3 centros espíritas. Certamente são os evangélicos que, de modo mais explícito, marcam sua presença através de um templo com faixas e letreiros.

Cada Igreja foi fotografada e seu endereço anotado para que se inicie a segunda etapa do levantamento de dados que será a visita a cada uma das igrejas e a entrevista com seus líderes. Paralelamente, outros pesquisadores do Grupo de Pesquisa vão investigar outros aspectos das mesmas igrejas, como a liturgia, a prédica, a música, a arquitetura etc.

Surpreendeu-nos o número de igrejas. Em 2001, o Serviço de Evangelização da América Latina (SEPAL), uma organização evangélica paraeclesiástica, realizou na cidade inteira de Natal um levantamento de dados também com a técnica da varredura e encontrou, no mesmo bairro, somente 33 igrejas evangélicas⁴. A diferença entre os dois números pode dever-se a dois fatores que se complementam: crescimento do número de

⁴ Relatório SEPAL & Visão Mundial. *Projeto Brasil 2010: Natal/RN*. São Paulo: Sepal, 2002.

igrejas em 4 anos e falhas na pesquisa do SEPAL. Com as entrevistas, poderemos descobrir quais igrejas surgiram nesses últimos 4 anos, e com isso saber qual foi a taxa de crescimento. Quanto às possíveis falhas, elas são perfeitamente possíveis, pois muitas das igrejas descobertas nessa última pesquisa estavam em locais de muito difícil acesso, e é bastante improvável que tenha sido possível percorrer todas as ruas e travessas de Natal, em 2001.

De qualquer forma, o número de 58 igrejas, num bairro com menos de 50 mil habitantes, é um número significativo. Essa imensa capilaridade das igrejas evangélicas num bairro com os problemas sociais que tem Felipe Camarão levanta a questão: qual tem sido o papel das igrejas evangélicas na alteração desse quadro?

Essa questão já foi colocada várias vezes nos estudos da religião, e já se chegou a um certo consenso de que não é plausível se esperar de um grupo religioso qualquer uma atitude politicamente diferente daquela à qual o grupo faz parte. Entretanto, há o restante dos moradores do bairro, que não fazem parte de uma Igreja evangélica, ou não estão agrupados em qualquer forma de instituição ou estão em alguma instituição com alguma agenda política, como as Associações e Conselhos de Moradores. Portanto, só o fato de estarem organizadas em grupo, as igrejas terão que colocar em discussão a situação em que vivem, e construir algum tipo de reação: negação da responsabilidade, espiritualização dos problemas ou articulação de alguma ação.

A nossa parceria com o grupo, Associação de Líderes Evangélicas de Felipe Camarão, antes mencionado fez surgir a (ALEF), com a constatação de que um grupo que tem 58 igrejas num único bairro possui uma força política considerável e que tal força não está sendo utilizada em função da falta de articulação intereclesial. Aqui, dois problemas exigem estudo: o que fazer com um capital político e o que impede a articulação intereclesial?

A questão do capital político tem vindo à consciência das igrejas evangélicas. Entretanto, nesse ponto, ela em nada alterou a mesma percepção surgida da população de modo geral, isto é, que capital político é para ser revertido em benefício pessoal ou corporativo. Essa percepção generalizada entre a população brasileira deveria se chocar com presumíveis posturas éticas das igrejas, no entanto isso não acontece. Por que?

Quanto à crônica inabilidade de relacionamento entre as igrejas de denominações diferentes, talvez fosse possível se recorrer à teoria do mercado religioso, desenvolvida

por Pierre Bourdieu, para entendê-la. Um espaço populacional tão restrito para 58 igrejas certamente provoca uma disputa de mercado, pois cada Igreja dessas precisa sobreviver e para tanto depende do número de membros que consegue reunir.

4. TEO-SOCIODICÉIA: A FACE PÚBLICA DAS IGREJAS EVANGÉLICAS

Da mesma forma como existem entraves de natureza ideológica, que servem de obstáculo para a população pobre fazer impor sua vantagem numérica na definição das políticas públicas que a beneficiaria, os evangélicos desse extrato social também se acham bloqueados. Nesse caso, entretanto, eles convivem em grupos organizados e estão constantemente expostos a discursos, por eles mesmos produzidos. De que forma esses discursos explicam teologicamente a sociedade em que vivem?

Peter Berger, no *Dossel Sagrado*, já havia indicado que toda teodicéia – construção do universo simbólico específico de um grupo religioso é também uma sociodicéia, isto é, uma representação simbólica do que é a sociedade.

A atual presença dos evangélicos na política, grandemente contrastante de sua ausência até 1989, indica que pelo menos cresce uma consciência de sua potencialidade numérica numa democracia meramente contábil como a nossa. O corporativismo, entretanto, faz com que esse handicap seja reinvestido em sua própria sobrevivência institucional, ou seja, o agrupamento populacional formado nas igrejas parece repentinamente despregado de sua cotidianidade.

Falar dessa cotidianidade parece ser “politicamente incorreto” na maioria das igrejas evangélicas populares, a não ser que o discurso venha revestido de uma interpretação moral e religiosa do fenômeno. Dessa forma, a possível solução para os problemas também está na moral individual e na religião. A Teologia da prosperidade se encaixa perfeitamente nesse quadro, pois assume explicitamente que a solução da pobreza está disponível àqueles que são incorporados à Igreja, na medida em que esses adotam outra postura moral. Temos aqui, de modo exacerbado, um dos elementos que compõe a ideologia da teo-sociodicéia dessas igrejas: o individualismo.

O outro grande obstáculo, vinculado à mesma chave ideológica, é o isolamento das igrejas. Sem uma visão de conjunto, as igrejas não podem perceber sua força e seu papel como atores políticos. A possibilidade de agrupamento é sistematicamente boicotada por

uma intrincada estrutura disjuntiva. As igrejas pertencem a denominações diferentes, as igrejas da mesma denominação pertencem a ministérios diferentes, as igrejas do mesmo ministério pertencem a linhas diferentes. Além do mais, cada uma vê a outra como concorrente no mesmo mercado de almas. Nesse ponto, o narcisismo das pequenas diferenças atinge seu máximo, pois a adesão de um crente novo a outra Igreja é uma dolorosa ferida narcísica. Por conta disso, grande percentual do conteúdo dos discursos é empregado na desvalorização da Igreja concorrente. O acúmulo desse discurso vai criando uma sedimentação de rancor mútuo, mantendo as muralhas cada vez mais altas e impermeáveis.

CONCLUSÃO

Relatamos aqui o estado da arte de uma pesquisa em pleno desenvolvimento. Ainda não é possível tirar conclusões, no entanto, já podemos perceber que estamos lidando com um ator social de imensas possibilidades de impacto. O contraste entre a proliferação de igrejas e a proliferação da violência talvez não seja tão surpreendente assim; afinal, a violência talvez acabe por servir de estímulo para as pessoas aderirem a uma Igreja. No entanto, se elas o fazem na busca de uma proteção maior, esse crescimento está ameaçado, pois tem sido grande o número de igrejas invadidas e líderes evangélicos agredidos e até mortos. Algo é preciso ser feito nesse momento ou todo um esforço – e um esforço imenso de formar igrejas vai malograr.

FONTES

BARROSO, Arimá Viana. **Mapeando a qualidade de vida em Natal**. Texto disponível no site <http://www.natal.rn.gov.br/sempla/paginas/iqv.pdf> visitado 25 de maio de 2005.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987. 2ª Ed.

CASCUDO, Luis da C. **História da Cidade do Natal**. Natal: Fundação José Augusto: Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

FRANÇA, Mardone C. **Um olhar sobre Natal: tão bela e desigual**. In: www.natal.rn.gov.br/sempla/paginas/noticias/olharnatal.pdf (acesso em 23/02/2005).

IBGE. **Censo Demográfico do Rio grande do Norte – 2000**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2002.

LOPES Jr., Orivaldo P. **O Espelho de Procrusto**: Estudos religionistas, igrejas evangélicas e conhecimento científico. Tese doutoral: PUC-SP, 2003.

NOVAES, Regina Reyes. **Os escolhidos de Deus**: pentecostais, trabalhadores e cidadania. Caderno do ISER. Rio de Janeiro, nº19, 1985.

SEMURB (1998) - **Perfil dos Bairros**. www.natal.gov.br/semurb (acesso em 25/02/2005).

Relatório SEPAL & Visão Mundial. Projeto Brasil 2010: Natal/RN. São Paulo: Sepal, 2002.

TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Natal: UFRN, 2002.